

Agenda de FHC leva comunistas a repensarem seu projeto político

CYNTHIA PETER

Um fórum nacional de esquerda democrática, aberto à sociedade e convocado por personalidades políticas dispersas em vários partidos — ou mesmo independentes — para pensar um novo projeto para o país a partir da agenda política colocada por Fernando Henrique. Uma conferência nacional extraordinária para aprovar um programa de transição para o Socialismo no Brasil. Outra Conferência Nacional para discutir a articulação com as forças marxistas de outras agremiações políticas. Entre alternativas tão díspares circulam os comunistas e ex-comunistas brasileiros, cinco anos depois da queda do Muro de Berlin.

Somados, o Partido Popular Socialista (PPS) e o Partido Comunista do Brasil (PC do B) conquistaram uma representação que significa apenas 2% do Congresso Nacional e ainda assim toda eleita em coligação com outros partidos. O Partido Comunista Brasileiro (PCB), racha do Partidão que herdou a sigla mas não o registro eleitoral, nem chegou a participar das eleições, porque não conseguiu organizar-se em tempo hábil, mas sabe que não teria destino diferente. Agora, os três gastam tutano e queimam as pestanas em busca de alternativas de sobrevivência frente a uma lei eleitoral cheia de exigências sobre quocientes e bancadas.

PPS — O PPS, que reelegeu Sérgio Arouca (RJ) e Augusto Carvalho (DF) e emplacou Roberto Freire (PE) como o segundo senador comunista da História do Brasil (o primeiro foi Luiz Carlos Prestes), é o único que se admite como um “partido de transição”. É o único, também, que fez uma revisão radical de suas teses, confrontando com o fracasso do socialismo no Leste Europeu. “O futuro a Deus pertence”, cita Freire, mas reivindica que o PPS representa, no Brasil, “a origem muito clara de uma nova esquerda democrática”.

Depois de uma longa discussão interna que resultou no apoio à candidatura Lula — com dissidentes cariocas que manifestaram sua opção por Fernando Henrique — o resultado eleitoral levou a especulações sobre a diluição do PPS no PT ou no PSDB. Nem uma coisa nem outra. Nem mesmo a discussão, a partir do Rio de Janeiro, de um trabalho conjunto com o PV e da formação de possíveis blocos parlamentares com os ambientalistas, na perspectiva de construção de uma eventual frente Verde-Vermelha, coloca no horizonte a possibilidade de uma fusão. “Pode chegar a acontecer, é uma hipótese, mas muito remota ainda”, esclarece o futuro senador. A aproximação com os verdes é uma questão regional. Os números eleitorais frustraram o partido, mas não conduziram ao desespero.

